

Dante Cultural

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

Ano VII - Número 18 - Julho de 2011



Memória eterna

A Dante Cultural foi à Itália conhecer os últimos descendentes vivos dos Alighieri e esteve nas cidades mais importantes da vida do poeta que dá nome à nossa escola

Entrevista:

O senador Aloysio Nunes, ex-aluno que foi eleito em 2010 com mais de 11 milhões de votos, fala da escolha pela carreira política e dos desafios que ela lhe apresenta

Ensaio:

O fotógrafo Arthur Fujii transpõe versos da Divina Comédia para cenas do cotidiano

Gastronomia:

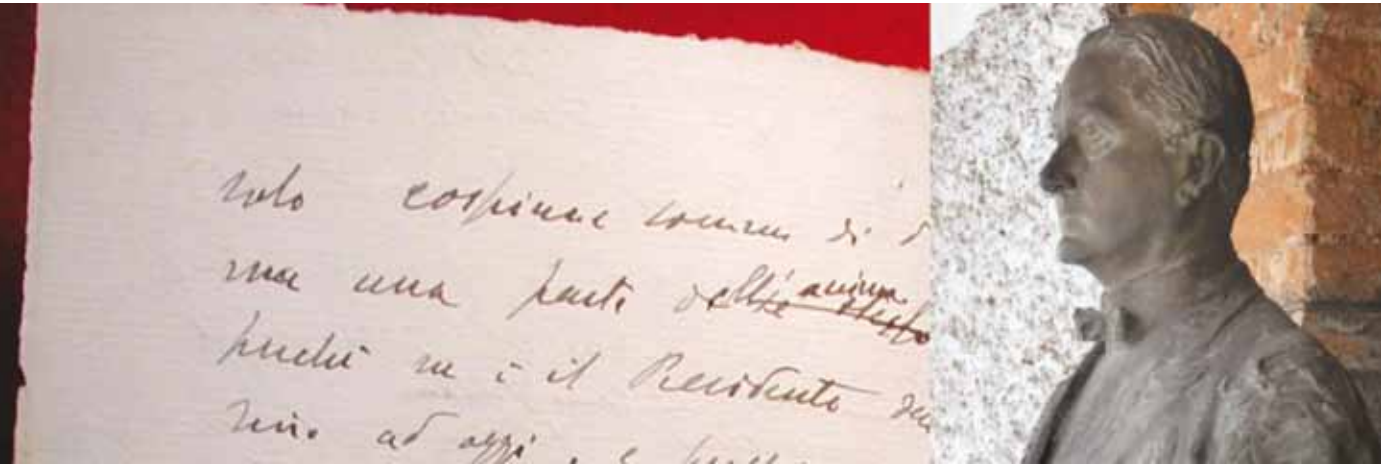
A chef Sílvia Percussi dá receitas feitas do ingrediente favorito do poeta Dante Alighieri: o ovo



Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Istituto Medio

Texto: Alessandro Dell’Aira Fotos: Alessandro Dell’Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani

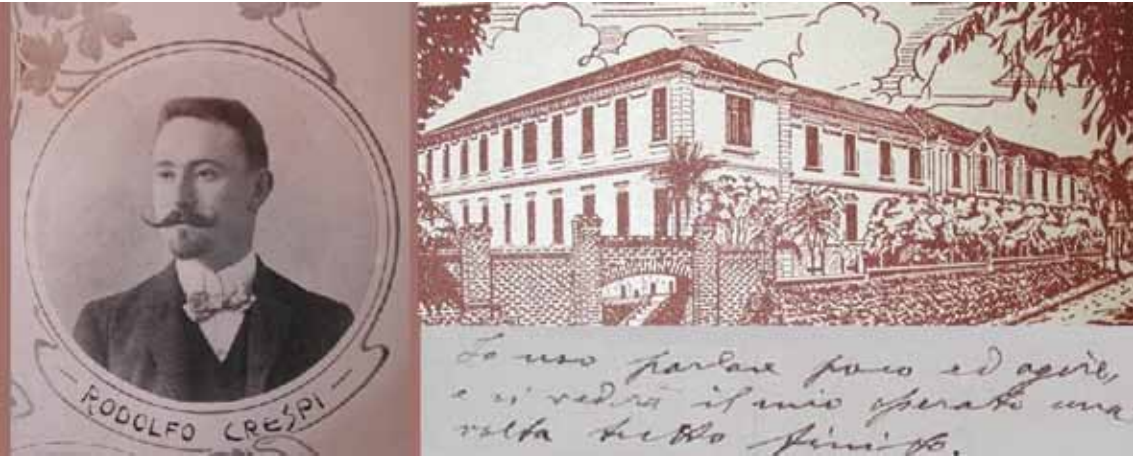


2. “Eu costumo falar pouco...”

Resumo do primeiro episódio. Primavera de 1924. Rodolfo Crespi está em Roma. Hospedado no Grand Hotel Excelsior da Via Veneto. Está escrevendo uma breve autobiografia para entregar a um amigo influente que prometeu ajudá-lo a realizar um sonho ambicioso: tornar-se conde.

ROMA. A Via Veneto está deserta, o Grand Hotel a ilumina. Rodolfo está à janela, olha o escuro e pensa. Escrever? Uma façanha, dizia papai Stefano, analfabeto, titular de uma fabriqueta de tecidos. Mamãe Amalia, ela também uma Crespi, era costureira e passava da agulha à pena com facilidade. Casaram-se em 1860: ela

com dezoito anos, ele vinte e dois, ambos menores diante da lei. Havia três semanas, Garibaldi tinha embarcado com os Mil para a Sicília. Um ano antes, a Lombardia havia passado quase toda para o Reino da Sardenha. Quando Rodolfo nasceu, catorze anos depois, o pároco veio batizá-lo em casa: o portão ficava na viradela da rua, a dois passos da igreja de San Giovanni. Uma vez unificada a Itália, o comércio cresceu em Busto. A casa da Via Solferino deveu-se aos ganhos da fabriqueta. De manhã os meninos saíam cedo: ir à escola era um dever cívico. Terminara o tempo em que se vivia da agulha, da horta e do tear. Agora em Busto existia a indústria. E existia a Itália.



Quem sabe o que diria Stefano daquela escola nascida em uma horta de São Paulo, no Brasil, com o dinheiro do seu Rodolfo e de alguns italianos de lá. O governo de Roma havia contribuído com o que faltava através de uma associação nacional, a Dante Alighieri. O primeiro diretor que mandaram também se chamava Rodolfo. Rodolfo Camuri, piemontês como o conde Cavour. Vinha da escola italiana de Salônica, na Grécia. Tinha as feições de um domador de leões. Ensinava técnica bancária. Crespi perguntou, apertando-lhe a mão: Disposto a trabalhar até de noite?

A fábrica de Rodolfo, na Mooca, era menor do que o cotonifício que tinha sido fundado por um Crespi, não parente de Stefano, e que se localizava a leste de Milão, mas não distante de Busto. Ali havia muita água, uma vila operária e uma passarela sobre o rio Adda para quem ia trabalhar todas as manhãs e todas as tardes voltava para casa. A vila se chamava Crespi d’Adda. Em Busto, havia mais Crespis do que teares. O filho daquele Crespi fora estudar na Inglaterra. Rodolfo, ao contrário, estudara um pouco em Busto, depois encontrara emprego e partira imediatamente para a América

com a ideia de roubar a profissão do patrão. Em São Paulo, casara-se com uma moça de Florença, que trabalhava na cozinha do restaurante da família. Não havia quem preparasse capeletes melhor do que ela. Em quatro anos, sua fábrica, em sociedade com o sogro, era grande como a de Crespi d’Adda. Agora era toda sua. Quando Camuri viu o cotonifício, entendeu que em São Paulo trabalharia até de noite, como em Salônica. Não lhe desagradou.

Alguém grita na rua, depois se cala. Rodolfo volta à poltrona pensando em duas fotografias de 1917 feitas para um “Quem é quem” dos industriais de São Paulo. Na primeira está Marina; ao seu lado Raul, oito anos; depois Renata, de vinte, já casada com Fábio da Silva Prado; depois Adriano, de dezoito; e por último Dino, de dezessete. A guerra é como um grito na noite. Se não tivesse terminado logo no ano seguinte, Adriano e Dino teriam ido para a frente do exército. No segundo retrato está ele, capitão de indústria, quase conde como Cavour e Matarazzo.



Acima, Vila Crespi d’Adda: a Fábrica
Abaixo, São Paulo: a Fábrica Regoli & Crespi, na Mooca



Rodolfo para de escrever e suspira. Está na hora do rei fazê-lo conde, a ele também.

Matarazzo, em São Paulo, patrocina o Hospital dos Italianos, enquanto ele patrocina a escola da Alameda Jaú. Camuri havia educado bem os filhos dele e os dos outros. Depois Camuri se demitiria porque estava cansado, tinha brigado com ele, que era presidente do *Istituto*. Mas, honra ao mérito. Em seu lugar, agora está o Magno, lombardo como Rodolfo. Chama-se Arturo Magnocavallo, mas para Crespi é o Magno desde que veio a São Paulo em missão, mandado pelo governo e pela Società Dante para ver se era possível fazer aquela escola. Era 1907. Magno disse que sim, era possível, e pediu-lhe que financiasse o projeto. Rodolfo o queria como primeiro diretor. Mas Magno não aceitou. Ou não quiseram mandá-lo. Quem sabe. O Brasil é uma sereia que atrai. *Italia bella mostrati gentile, e i figli tuoi non li abbandonare, sennò ne vanno tutti nì Brasile, e 'un si ricordon più di ritornare.** Cantava-se assim em Florença. Nonna Margherita cantava assim para Renata quando era criança, para fazê-la dormir.

Quando chegou o momento de fundar a Sociedade e comprar o terreno na Paulista, mandaram de Roma Enrico Gianrossi, diretor de um colégio de Udine. Ele queria ficar em São Paulo, mas no final

* “Bela Itália, mostre-se gentil e não abandone os filhos teus, senão vão todos para o Brasil e não se lembram mais de voltar.”

foi escolhido Camuri. Oito anos depois, quando Camuri começou a se cansar, Rodolfo foi até Magno, em Milão, e o convenceu. Aliás, não. *Figüres!* Foi ele quem deixou uma bela carreira para segui-lo ao Brasil. Era 1920. Havia o liceu para criar, como uma árvore jovem. Era preciso um humanista como Magno.

O *Istituto* já se tornara uma escola importantíssima. Rodolfo pensa: agora, sim, podem me fazer conde de Sua Majestade. Uma fábula? *Figüres!* Um romance. Conde, o filho de dois plebeus fabricantes de tecidos, quase como Renzo e Lucia de Manzoni. Se Dell’Acqua – que Deus o tenha –, que o havia mandado ao Brasil, foi o “príncipe mercante” por seu faturamento, por que ele, ex-almoxarife do príncipe, não poderia ser conde? Que mal há nisso? Conde-almoxarife!

Todos sabem que o Istituto Medio é, há anos, o filho predileto ao qual ele dedicou não apenas elevadas somas de dinheiro, mas uma parte de si mesmo, porque é seu Presidente desde o início até hoje e porque com propaganda assídua soube envolver com seu entusiasmo os melhores de seus conterrâneos.

Rodolfo volta a procurar a estrelinha entre os ramos de louro, no papel timbrado do Excelsior. Uma parte de si mesmo... Apaga e escreve. “Uma parte da alma”. Prossegue à custa de correções, como quando escreveu ao Conselho Central da Società Dante, sem a ajuda de Camuri, que a cons-

trução da Alameda Jaú estava um metro acima do chão e precisavam de cem mil liras. Quando leram a carta em Roma, corrigiram-na antes de copiá-la à máquina para os conselheiros. Ele havia escrito: *Eu costumo falar pouco e agir e se verá o meu obrar quando tudo terminado...* Por distração do secretário-geral da Società Dante, a cópia corrigida lhe foi expedida com outros papéis. Rodolfo confrontou-a com sua minuta. *Eu costumo falar pouco e agir e se verá o meu obrar todo junto, quando estiver terminado*”. Ofendeu-se. Para que encher linguça? Meu italiano é de se jogar no lixo?

Rodolfo volta à janela, bate um cigarro no peitoril e o acende. Eu não sou como Manzoni, que, para refazer seu romance, deixou Milão e foi para a Toscana. “Para enxaguar seus panos no Rio Arno”*, dizia minha professora de Busto. *Figüres!* Com todos os panos que fabrico na Mooca, nunca terminaria de enxaguá-los aqui no Tibre.

(2/4 - Continua)

* Alessandro Manzoni, famoso poeta e escritor italiano do século XIX, natural de Milão (1785 – 1873), usou essa expressão referindo-se ao fato de que havia morado um mês em Florença, cidade de Dante, para aprimorar o italiano de seu romance histórico *I promessi sposi* (Os noivos).



Rodolfo Camuri



Enrico Gianrossi



Arturo Magnocavallo